



## ESCOLA SEM PARTIDO, “IDEOLOGIA DE GÊNERO” E AS LENTES DO ENTRETENIMENTO

Rita de Cássia Portella<sup>1</sup>

### Resumo

O artigo é recorte de pesquisa de Mestrado e usou duas séries norte americanas, a saber, *The Handmaid's Tale* e a 7ª temporada de *American Horror Story* de forma a sensibilizar a discussão sobre correntes de pensamento que alimentam discursos extremistas, sejam conservadores ou liberais. Foucault nos define a governamentalidade vigente e inspira análises discursivas, a fim de encontrar as condições de possibilidade que, nos contextos das séries, fizeram emergir conservadorismo, gerando um ambiente de invisibilidade para discussões de gênero e sexualidade ou desconsiderando-as. Procurando comparar fatos dos objetos de entretenimento com políticas do projeto Escola Sem Partido e sua “ideologia de gênero”, o artigo faz um apanhado do discurso de pânico moral instituído na sociedade neoliberal.

**Palavras-chave:** Escola sem partido. Ideologia de gênero. Foucault.

### Elementos da Pesquisa

Como recorte de pesquisa de mestrado, este trabalho trata do projeto Escola Sem Partido e das demandas de gênero e sexualidade reelaboradas ou retiradas de planos educacionais em diversas instâncias legislativas. Pesquisar genealógicamente (FOUCAULT, 2015a, 2015b) o enlace discursivo (FOUCAULT, 2014) de um caminho de possibilidades para estas mudanças é a meta para a dissertação que encontra amparo e sensibilização acadêmicas. Mas ao tentar explicar a pesquisa a alunos do ensino médio é necessário tomar atalhos, e as séries enquanto fenômenos de abrangência são exemplares pela capacidade de sensibilizar o público desta faixa etária.

Surgiram *The Handmaid's Tale* e a 7ª temporada de *American Horror Story*, séries estadunidenses que ficionam correntes de pensamento reais alimentadas por discursos extremistas, sejam conservadores ou liberais. Este foco permite comparar iniciativas como o Escola Sem Partido e sua “ideologia de gênero”. Destes elementos trago o problema: Que condições propiciam às manifestações políticas um ambiente de invisibilidade das discussões de gênero e sexualidade, numa ordem discursiva moralista e conservadora?

<sup>1</sup> Mestranda em Educação pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – email: rita-portella@uergs.edu.br





## The Handmaid's Tale

The Handmaid's Tale (2017) é um drama ficção baseado na obra de Margaret Atwood (1987). Com a morte do Presidente e outros políticos eleitos dos EUA por um atentado terrorista, cristãos tomam o poder prometendo restaurar a paz. Mas sob o transtorno de desastres ambientais, o país é transformado na República de Gilead, regido pelas leis do antigo testamento num regime totalitário, um fundamentalismo religioso que trata as mulheres como propriedade do Estado. Offred é uma das poucas mulheres férteis restantes, uma serva forçada à servidão sexual como uma última tentativa de melhorar os índices demográficos da população. Ela é entregue ao Comandante, um oficial de alto escalão do regime. Nesta sociedade aterrorizante, Offred vive dilemas: sobreviver, encontrar a filha e compreender como a sociedade pode permitir tamanho retrocesso.

## American Horror Story – 7ª temporada

Intitulada *Cult* (2017), a sétima temporada da série apresenta o medo como tema principal. As eleições presidenciais dos Estados Unidos de 2016 são o foco temporal na cidade fictícia de Brookfield Heights, em Michigan. O trailer inicial mostra os últimos momentos antes do resultado do pleito, revelando perfis de eleitores e as surpresas, tanto satisfeitas quanto insatisfeitas. A trama mostra o desespero de ativistas LGBT e imigrantes com as possibilidades do resultado. A construção de diversos medos pertinentes às subjetividades dos personagens trás à tona um problema que não era pautado antes do resultado das eleições: a invisibilidade conceitual dos possíveis eleitores de Donald Trump.

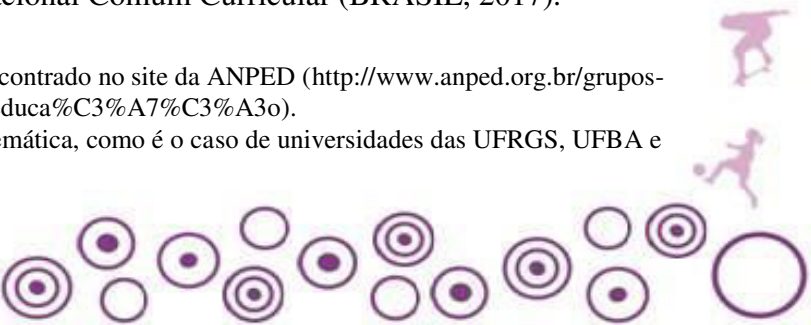
## Ideologia de Gênero

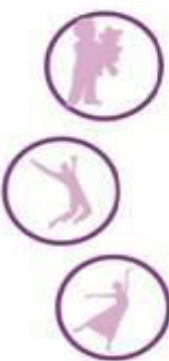
Orientação sexual e identidade de gênero há muito fazem parte das discussões nas conferências sobre direitos humanos e educação (REIS, 2017; SEFFNER, 2016a). Em termos de Brasil, importa salientar que diversos departamentos acadêmicos têm realizados sólidos estudos na área, gerando na Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Educação o GT23, grupo de estudos para questões de gênero e sexualidade na educação<sup>2</sup>. Ainda que com diversos programas de pós-graduação criados nesta temática<sup>3</sup>, orientação sexual e identidade de gênero têm sido inseridas e retiradas de documentos (SEFFNER 2016b), culminando na vigente versão da Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017).

---

<sup>2</sup> O histórico deste Grupo de Trabalho pode ser encontrado no site da ANPED (<http://www.anped.org.br/grupos-de-trabalho/gt23-g%C3%AAnero-sexualidade-e-educa%C3%A7%C3%A3o>).

<sup>3</sup> PPGs stricto sensu vêm adquirindo esta ênfase temática, como é o caso de universidades das UFRGS, UFBA e UFSC.





Se na história a palavra *gênero* emergiu para estabilizar estudos antes voltados para questões do feminismo (SCOOT, 1995), a perspectiva pós-crítica busca libertá-la de binarismos. Ampliou-se gênero, desmembrando-se do sexo biológico e gerando marcador social volátil. Junqueira (2017), nos dias atuais, apresenta um *gênero* castigado, forjado religiosa e politicamente por discursos mantenedores de um conservadorismo perverso, acompanhado de “grotescas formulações paródicas ou até fantasmáticas” (JUNQUEIRA, 2017, p. 28).

O que é uma ideologia? Num sentido amplo, seria aquilo que é ideal, uma reunião de certezas. Dito isto, tenha-se que a perspectiva foucaultiana inviabiliza as ideologias como elementos de poder-saber (VEIGA-NETO, 2016). Não se trata de negar sua existência, mas elevar a educação às discussões com que os estudos são elaborados. Acompanhando o raciocínio de Junqueira, a ideologia ganhou as vezes de “*doutrinação neototalitária*, de raiz marxista e atea, e ainda mais opressiva e perigosa que o marxismo” (JUNQUEIRA, 2017, p. 30), um enlace entre *colonialismo sexual* (idem, 2017, p. 33) e a destruição da *família natural*, visto que a educação sexual na escola interfere diretamente na educação familiar.

### **Escola sem Partido**

Miguel Nagib, advogado e procurador do estado de São Paulo em Brasília desde 1985, foi assessor de ministro do STF de 1994 ao início do mandato do presidente Lula. Em 2003 Nagib idealizou uma solução para o que seria um problema doméstico: a filha chegou da escola reclamando que o professor de história teria comparado Che Guevara a São Francisco de Assis. Do desacoro surge o movimento Escola Sem Partido<sup>4</sup>.

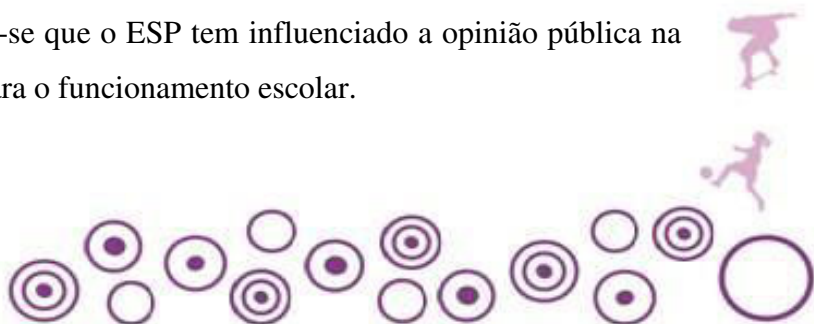
Com apoio de outros movimentos partidários e envolvidos nas manifestações de 2013 o projeto ganhou forças. A bancada evangélica do congresso vem sendo uma apoiadora das ações e, em 2015, o deputado Izalci do PMDB do DF apresenta o PL 867/2015 com o objetivo de fazer alterações na LDBN 9394/96, implementando o Escola Sem Partido com ideias como a do artigo 3º:

Art. 3º São vedadas, em sala de aula, a prática de doutrinação política e ideológica bem como a veiculação de conteúdos e a realização de atividades que possam estar em conflito com as convicções religiosas ou morais dos pais ou responsáveis pelos estudantes.

Tudo isso enquanto tramitava a elaboração de uma Base Nacional Comum Curricular. Em diversos artigos acadêmicos observa-se que o ESP tem influenciado a opinião pública na elaboração de documentos normativos para o funcionamento escolar.

---

<sup>4</sup> Doravante denominado ESP.





## Direito à Educação

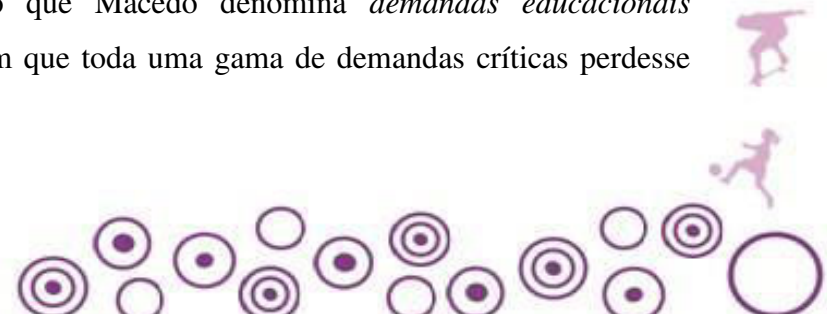
A Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948 estabelece que “todo ser humano tem direito à instrução [...] orientada no sentido do pleno desenvolvimento da personalidade humana e do fortalecimento do respeito pelos direitos humanos e pelas liberdades fundamentais.” (ONU, 1948). Também que “Todas as pessoas nascem livres e iguais em dignidade e direitos [...] sem distinção de qualquer espécie.” (idem, 1948). Trazer a educação sexual e de gênero para o âmbito das ideologias e permitir a evolução discursiva a fim de apagar de documentos normativos a existência das pautas é fadá-las ao rápido esquecimento:

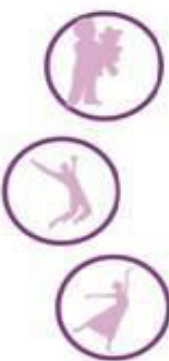
As narrativas contidas no currículo, de maneira explícita ou não, corporificam noções muito particulares sobre o conhecimento, as formas de organização da sociedade e diferentes grupos sociais, estabelecendo, por exemplo, qual o conhecimento que pode ser considerado legítimo, quais as formas de conhecer que são válidas, etc. Tais narrativas contidas no currículo trazem embutidas noções sobre quais os grupos sociais legitimados, a ponto de poderem representar a si e aos outros ou ainda quais os grupos sociais que são apenas representados ou até mesmo totalmente excluídos de qualquer representação. (FELIPE, 2016, p. 2).

Manifestações de intolerância aos grupos LGBT e movimentos feministas, assim como movimentos autointitulados nacionalistas, nos apresentam o retrocesso de várias pautas importantes antes dadas pela educação como marcos evolutivos superados. Se há esperanças ou não, ocorre que após polêmicas e às vésperas das eleições, o Senador Magno Malta pediu a retirada do ESP como pauta de votação, em novembro de 2017. Ainda no início de 2017 o próprio Miguel Nagib pediu a modificação do artigo 3º, por considerar divergente ao tratar da demanda de crenças das famílias, o que tiraria o caráter igualitário da educação. Apesar disto, o projeto segue tramitando a nível estadual no Rio de Janeiro, Goiás, São Paulo, Espírito Santo, Ceará, Distrito Federal e Rio Grande do Sul. Em Alagoas foi suspenso pelo STF. Vários municípios, inclusive do RS, estão se mobilizando para votar a lei em seus estatutos municipais. Mesmo inconstitucional, a lei leva a discussões.

## Pontos Convergentes

Autores como Elizabeth Macedo (2017) acreditam que há algum tempo as regras para elaborar documentos educacionais estavam equilibradas pelas lutas entre as *demandas críticas* e *demandas neoliberais contábeis* (voltadas para o lucro). Com o apoio das bancadas congressistas conservadoras, surgiu o que Macedo denomina *demandas educacionais neoliberais conservadoras*, fazendo com que toda uma gama de demandas críticas perdesse sustentação.





Segundo Foucault (2008), a racionalidade liberal quer um Estado mínimo. Já uma governamentalidade neoliberal quer um estado mínimo que injete formas de ganhos capitais no mercado, e para isto o Estado deve prover o consumo mediante políticas públicas. Mas não há contrapartida: a máquina pública se esgota e cede ao clamor acrítico da opinião pública por corte de gastos.

Fernando Penna (2017) nos fala da ágora grega onde discussões de ordem privada eram postos ao público segundo critério de relevância. Hoje vivemos uma alteração dos sentidos de público e privado, gerando um “ser de desinteresse público”. Entende-se por público um “aglomerado de problemas e assuntos privados” (idem, p. 251), sem tradução em causas comuns. A liberdade individual, outrora resultante do esforço coletivo, hoje perfaz um estado nuclear e intimista, quando “privatizamos” meios para esta liberdade individual, uma “antiliberdade”. (BAUMANN, 2001).

A forma privada de lidar com os problemas torna sua solução mais difícil. Bauman fala que destes problemas não solucionados resultam as “comunidades de gancho”, um arranjo que prescinde critérios ao incidir sobre indivíduos ecléticos. Trata-se de “um aglomerado de medos privados em busca de uma válvula comum de escape” (PENNA, 2017, p. 256). No caso da demonização que o ESP faz dos professores, este problema promove uma vigília em torno dos professores, “uma válvula de escape para sua ansiedade difusa longamente acumulada” (idem, p. 257). Ao contrário da maioria das ameaças que permeiam a sociedade, os professores são palpáveis, têm nomes e podem ser submetidos. Na relação público e privado a fabricação da figura negativa dos professores não é recente. Responsabilizados por “mudarem as cabeças” (idem, 258) e por maus resultados nas avaliações – nenhum outro valor é questionado, como estrutura e violência, por exemplo.


Podemos aproximar o ESP das duas tramas das séries televisivas observando que

Em que pese o caráter retrógrado e anticidadão de tais posicionamentos, ao fazer das questões de gênero e sexualidade uma controvérsia sobre o “humano” e a sobrevivência da sociedade, os setores mais conservadores da Igreja Católica, seus sequazes e outros grupos que aderiram a esse discurso, parecem ter encontrado um meio eficiente de afirmar e disseminar seus valores, recuperar espaços políticos e angariar mais apoio. Afinal, na esteira dessa controvérsia, aliada à promoção de alarme social e pânico moral, a matriz religiosa do movimento antigênero pode ficar menos evidente. (JUNQUEIRA, 2017, p. 45).

Junqueira nos evidencia a situação de Gileard quando problemas de ordem natural e científica são pretexto para a implementação e manutenção de uma sociedade misógina quase escravagista. Ainda, a emergência de uma racionalidade pertinente aos dominadores de Gileard e aos eleitores de Donald Trump só tornou-se pauta de interesse social a partir de sua insurgência no contexto neoliberal vigente. Não haveriam indícios para que estes retrocessos







se instaurassem, a não ser pelo fato de que a sociedade ocupou-se deles tarde demais. Hoje, isso não ocorre só na ficção.

## Referências

ATWOOD, Margaret Eleanor. **The Handmaid's Tale**. Trad. Marcia Serra. São Roque: Marco Zero, 1987.

BRASIL. MEC. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/download-da-bncc/>>. Acesso em: 15 abr. 2018.

BRITTO, Patrícia; REIS, Lucas. **Por pressão, planos de educação de 8 Estados excluem 'ideologia de gênero'**. Folha de São Paulo, 25/06/2015, encontrado em: ><http://www1.folha.uol.com.br/educacao/2015/06/1647528-por-pressao-planos-de-educacao-de-8-estados-excluem-ideologia-de-genero.shtml>>. Acesso em: 03 abr. 2018.

FELIPE, Jane. **Gênero e sexualidade nas pedagogias culturais: implicações para a educação infantil**. Rev. Géledes, 12/09/2016. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/genero-e-sexualidade-nas-pedagogias-culturais-implicacoes-para-educacao-infantil/>>. Acesso em: 22 abr. 2018.

FOUCAULT, Michael. **Segurança, Território, População**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 24. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

FOUCAULT, Michel. **A História da Sexualidade – V. I: A vontade de saber**. 3. ed. São Paulo: Paz & Terra, 2015a.


FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2015b.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. “Ideologia de Gênero”: a gênese de uma categoria política reacionária – ou: a promoção dos direitos humanos tornou-se uma “ameaça à família natural”? *In*: RIBEIRO, Paula R.; MAGALHÃES, Joanalira C. (Org.). **Debates contemporâneos sobre educação para a sexualidade**. Rio Grande: Ed. Furg, 2017. p. 25-52.

MACEDO, Elisabeth. As demandas conservadoras do movimento Escola Sem Partido e a Base Nacional Curricular Comum. **Revista Educação e Sociedade**, Campinas, v. 38, n. 139, p. 507-524, abr-jan, 2017.

PENNA, Fernando Araújo. “**Escola Sem Partido**” como ameaça à educação democrática: fabricando o ódio aos professores e destruindo o potencial educacional da escola. *In*: MACHADO, André Roberto; TOLEDO, Maria Rita (Org). São Paulo: Cortez: ANPUHSP – Associação Nacional de História, 2017. p. 247-260.





ONU – Organização das Nações Unidas. **Declaração Universal dos Direitos Humanos** 1948. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001394/139423por.pdf>>.

Acesso em: 08 maio 2018.

REIS, Toni; EGGERT, Edla. Ideologia de gênero: uma falácia construída sobre os planos de educação brasileiros. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 38, n. 138, p. 9-26, jan./mar., 2017.

SEFFNER, Fernando; PICCHETTI, Yara. A quem tudo quer saber, nada se lhe diz: uma educação sem gênero e sem sexualidade é desejável? **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 24, n. 1, p. 61-81, jan./abr. 2016a.

SEFFNER, Fernando. **Atravessamentos de gênero, sexualidade e educação**: tempos difíceis e novas arenas políticas. Reunião Científico Regional XI ANPED Sul. Curitiba: XI ANPED SUL, 2016b.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Rev. Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

**Catálogo na Publicação:**

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira  
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

